

# One Health: novas abordagens históricas pós-COVID-19

**Isabel Amaral**

Departamento de Ciências Sociais Aplicadas  
Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT)  
NOVA Faculdade de Ciências e Tecnologia – Caparica  
ima@fct.unl.pt

**Alexandra Esteves**

Departamento de História  
Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Lab2PT-Uminho  
Campus de Gualtar-Braga  
alexandraesteves@ics.uminho.pt

Esta edição dos Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical é resultado dos trabalhos apresentados durante o V Congresso Luso-Brasileiro de História da Medicina Tropical (5LBMHTM) realizado em Lisboa e em Braga, em junho de 2023. Este evento, organizado pelo Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT), pelo Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT/IN2PAST – Universidade do Minho), pelo Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT NOVA), pela Casa de Oswaldo Cruz (COC, Fiocruz), pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre Emergências em Saúde Pública (NIESP Fiocruz) e pelo Museu Histórico/Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), reuniu investigadores nacionais e internacionais em torno da reflexão histórica sobre o paradigma de *One Health* [1, 2], refletindo a discussão mais recente pós-pandemia de COVID-19.

As recentes epidemias de SARS, Gripe Suína, MERS ou Ébola e a “descoberta” de que as doenças infecciosas não pertencem apenas ao passado têm contribuído para dinamizar a investigação em vários domínios das ciências sociais, em particular num passado mais recente, na sequência da pandemia de COVID-19 [3, 4]. Assim, a historiografia das epidemias e a sua associação ao paradigma de *One Health* assume particular destaque no contexto pós-pandémico atual, não apenas no domínio da saúde global [5], mas também da saúde planetária [6, 7].

Os interesses dos historiadores pela história ambiental e pela história social da medicina surgiram nos anos 1970, nomeadamente após a publicação de “Plagues and Peoples”, de William McNeill [8]. Partindo do artigo seminal de Charles Rosenberg “What is an Epidemic” [9], alguns autores traçaram paralelos entre a pandemia de COVID-19 e a epidemia de gripe espanhola, considerada uma das epidemias mais devastadoras do século XX. Neste artigo, Rosenberg reflete sobre a forma como a sociedade foi respondendo às crises sanitárias. Para o autor, as epidemias expõem

<https://doi.org/10.25761/anaisihmt.470>

as fraquezas e as desigualdades sociais, servindo como catalisadores de mudanças nas políticas de saúde pública. Assim, a resposta social e institucional às epidemias passadas tornou possível o estabelecimento de narrativas históricas que permitiram explicar a dinâmica da resposta global à COVID-19 e, ao mesmo tempo, de as integrar, na perspetiva de *One Health*.

Laura Spinney utiliza também a epidemia de gripe espanhola de 1918 como objeto de estudo, para compreender as suas origens (desde as trincheiras da Primeira Guerra Mundial até às áreas remotas da África e do Pacífico Sul), o seu impacto global e a forma como moldou o mundo contemporâneo [10]. Spinney destaca a necessidade de considerar fatores sociais, económicos e ambientais na gestão das pandemias, um princípio central em *One Health*.

Frank Snowden defende também que as doenças infecciosas têm profundas raízes sociais e ecológicas, e que as respostas eficazes às epidemias devem atender a estes fatores, como ponto de partida para resolver o presente a partir das lições do passado [11]. Destaca a importância das políticas de saúde pública em articulação com as variáveis presentes na complexa equação de *One Health*. Por outro lado, Sonia Shah, ao refletir sobre a propagação das doenças infecciosas e os fatores que as impulsionaram, assume que a destruição de *habitats* naturais e a crescente interação entre humanos e animais foram catalisadores da emergência de novas doenças [12], à semelhança de outras narrativas e movimentos que defendem uma abordagem integrada e preventiva, alinhada com o conceito de *One Health*, para mitigar os riscos de futuras pandemias [13, 14, 15].

Todas estas epidemias estão ligadas à mobilidade e agregação humana, sendo que o vírus necessita de um hospedeiro para sobreviver. O que mudou com a escala global da pandemia de COVID-19? Tudo, inclusive a própria definição da doença. Não é apenas uma doença epidémica global, mas também uma patologia planetária, que problematiza a luta entre um vírus e a espécie humana pela sobrevivência na Terra, bem como as noções de incerteza, insegurança e risco. A pandemia

da COVID-19 esteve na vanguarda da agenda da “aldeia global”, destacando a importância da erradicação das epidemias através de estudos interdisciplinares em diversas áreas da História, áreas que justificariam esta abordagem alargada ao universo teórico de *One Health*, numa perspetiva transdisciplinar global.

O conceito de *One Health* não é novo, mas ganhou um destaque renovado no contexto da pandemia de COVID-19, na medida em que a globalização, a urbanização e a colonização aceleraram os contatos entre humanos e animais, facilitando a emergência de doenças zoonóticas. Atualmente, a historiografia das doenças infecciosas, que se tornaram epidémicas, tem despertado um interesse crescente pela sua inclusão numa agenda de reflexão mais ampla, onde o imperialismo ecológico de Alfred Crosby [16] cruza as narrativas clássicas da História da Medicina e da Saúde Global, para introduzir o conceito de *One Health*. A operacionalização deste conceito é uma estratégia global, mas também uma abordagem holística e transdisciplinar que incorpora na sua narrativa a interdependência de civilizações e culturas, em que a história humana e o progresso estão inexoravelmente associados à saúde humana, animal e ambiental.

Desta forma, o conjunto de artigos aqui apresentados constitui uma seleção dos que foram aprovados pelos revisores, que estabelecem diálogos entre a história da medicina e da saúde pública, a história social e ambiental, em geografias locais e regionais e em diferentes contextos internacionais, transnacionais e globais. Reúne assim contribuições na interface da saúde humana com o meio ambiente (natural e social), à luz das peculiaridades socioeconómicas e político-administrativas de cada região e das correlações de força entre mercados, Estados/Nações e agências internacionais, como a Organização Mundial de Saúde, Organização Pan-Americana de Saúde e a Organização das Nações Unidas, entre outras.

Esta sequência de artigos está dividida em três partes. Na primeira, mais direcionada para a reflexão dos conceitos de *One Health* em contexto pós-pandémico de COVID-19, as categorias analíticas de saúde pública global, saúde planetária, epidemias/pandemias, medicina tropical ou de Antropoceno são problematizadas, de forma a contextualizar a importância do tema desta edição dos Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical. A segunda parte inclui contribuições de vários autores que procuram refletir, a partir de geografias diferentes e utilizando perspetivas históricas, que vão da história social à história ambiental, sobre vários modelos e sistemas de saúde pública, como se-

jam os exemplos da Ásia, de África, da Europa e da América do Sul. A terceira parte inclui vários trabalhos realizados no âmbito da história das doenças tropicais, como sejam a Leishmaniose, a tuberculose ou a doença do sono, utilizando várias ferramentas metodológicas, designadamente, os estudos imperiais, os estudos prosopográficos, a história oral e a história comparativa. No quarto grupo, vários autores contribuem com narrativas higienistas em Portugal, no Brasil e em África, exploradas a partir de vários temas, para evidenciar a importância do ambiente e a sua influência na abordagem das doenças e das políticas de saúde ao longo do tempo, desde o século XIX, e do seu interesse para um melhor entendimento do conceito de *One Health*, em perspetiva. Finalmente, é incluído um artigo de índole cultural, não relacionado com o conjunto dos outros artigos, mas de crucial importância para uma compreensão mais alargada da necessidade da valorização das línguas nacionais em países africanos como determinantes da identidade nacional, como é o caso de Angola.

O artigo “História, doenças e ecologia pós-Covid-19: agenciamentos multiespécies na era planetária”, da autoria de André Felipe, discute, do ponto de vista historiográfico, o impacto da pandemia de COVID-19 nos processos complexos do Antropoceno, desafiando as narrativas convencionais sobre doenças e os modelos estabelecidos de saúde pública, para propor novas perspetivas históricas para responder a desafios contemporâneos da saúde global. A pandemia e a emergência do antropoceno evidenciam a interconexão planetária e a urgência de novos paradigmas de saúde que considerem os múltiplos laços entre os seres humanos e o sistema de suporte à vida do planeta. O autor propõe a adoção de estudos multiespécies como uma abordagem adequada para compreender as dinâmicas de saúde e doença e discute a forma como a história da medicina tropical poderá contribuir para explorar questões relevantes sobre a história das doenças face às transformações do Sistema Terra, encapsuladas pelo conceito do Antropoceno.

João Nunes, com as lentes da história política, apresenta uma perspetiva única ao problematizar o tema da saúde global no seu artigo intitulado “Ainda a saúde global”. Neste texto, o autor não apenas explora as complexidades históricas e políticas da saúde global, mas também tece conexões entre elas, a história da saúde pública e a internacionalidade da prática médica. Ao fazer uso de um conjunto diversificado de ferramentas analíticas, Nunes pretende situar a saúde global na intersecção

desses diferentes domínios, destacando a sua importância no momento presente. Oferece uma reflexão aprofundada sobre como a saúde global é moldada por fatores políticos, históricos e sociais, enquanto continua a evoluir na fronteira dinâmica entre as disciplinas da história política e da saúde pública.

Yarong Chen, no âmbito da história social, discute a importância da representação verbal e visual da saúde, das doenças para a construção de um teatro de verdade médica, a partir de um projeto da UNESCO realizado na China, o projeto “Aldeia Saudável”, em 1949. A autora reflete sobre a construção de relações entre especialistas da UNESCO, ativistas chineses e moradores locais na produção e aplicação de recursos audiovisuais, como ferramenta de educação sanitária que poderia servir de exemplo não apenas na China, mas também em outras sociedades asiáticas coloniais e em países subdesenvolvidos.

João Schwalbach, em “Cuidados primários, educação, bioética, uma só saúde”, aborda o conceito de *One Health* como uma abordagem holística para resolver desafios de saúde que envolvem saúde humana, animal e ambiental, a partir da sua experiência como médico, em Moçambique. Destaca a importância dos cuidados de saúde primários e dos determinantes sociais da saúde como ponto de partida para combater as desigualdades sociais que estão ligadas às diferenças injustas nas sociedades. O autor enfatiza a urgência de massificar a educação em todos os níveis, priorizando princípios éticos que promovam a vida humana e a sobrevivência do planeta.

O artigo de Mayumi Duarte Wakimoto destaca a importância da implementação do programa de *One Health*, em contexto de pandemia de COVID-19 e outras zoonoses, discutindo a resposta do Brasil à pandemia, a partir de um estudo realizado no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas da Fundação Oswaldo Cruz (INI-Fiocruz). Salienta, assim, a importância de compreender o contexto histórico desses eventos e de promover a coordenação eficaz entre os diferentes setores da saúde, incluindo populações vulneráveis, para enfrentar ameaças à saúde numa perspectiva complexa, que envolve as mudanças climáticas e outros desafios ambientais.

O artigo de Luiz Vilarinho et al examina a trajetória da rifampina para o tratamento da tuberculose latente no Brasil, desde o seu desenvolvimento até à sua incorporação no Sistema Único de Saúde (SUS), em 2021. Contextualizando-a na história global da tuberculose e do seu tratamento, o autor discute alguns dos desafios,

como a falta de abastecimento, a adesão de profissionais e pacientes e ainda a perspectiva de desenvolvimento e produção local da rifampina, como fatores determinantes na falta de eficácia no controlo da doença no país. O artigo de Jacqueline Brizolla analisa a vacinação contra a varíola nas cidades do Rio de Janeiro e Havana, entre 1804 e 1808. Apesar da expedição de Francisco Javier de Balmis não incluir o Brasil, comerciantes brasileiros enviaram escravos a Lisboa para testar a vacina antes da chegada da Corte de Dom João VI, em 1808. O estudo revela a diferença na adesão à vacina entre africanos recém-chegados (bozales) e pessoas brancas, destacando a lógica racial que influenciou as estratégias de vacinação e as ações das autoridades envolvidas.

Segue-se o artigo de Maria Regina Cotrim e Lilian de Mello Lauria, “Doença do Sono (1890-1920): Mandombe foi voluntário de pesquisa para seu povo?”, que analisa a história da tripanossomíase africana (doença do sono) através do caso de Mandombe, um paciente internado no *London Hospital*, na alvorada do século XX, que foi vitimado pela doença. Utilizando uma variedade de fontes, como prontuários médicos, correspondências e publicações científicas, as autoras estudam o percurso da doença em território tropical e colonial, contribuindo assim para uma reflexão mais ampla sobre o conceito de *One Health* e a sua aplicação à história da medicina tropical e colonial em África.

O artigo de Polyama Valente e Ailton Junior de Paula Souza, intitulado “Por uma prosopografia das mulheres que aturaram na Medicina Tropical no Brasil (1940-1980)”, aborda a presença feminina na medicina tropical brasileira. Sendo a história da medicina tropical tradicionalmente dominada por narrativas masculinas, os autores pretendem analisar a presença das mulheres que publicaram em periódicos científicos, entre 1940 e 1980, destacando a trajetória de Alda Falcão, construindo uma narrativa prosopográfica sobre o perfil das mulheres tropicalistas brasileiras.

Segue-se o artigo de Jaime Benchimol, “História das leishmanioses no Novo Mundo: um breve panorama”, que explora como a leishmaniose, inicialmente uma doença associada a cães e pessoas marginalizadas, rompeu barreiras sociais e geográficas no Brasil. A leishmaniose é uma doença de cães e daqueles que levam uma vida de cão. O autor destaca o intercâmbio crescente entre investigadores brasileiros e de outros países, estimulado por programas da OMS. Benchimol atribui o agravamento da doença a fatores como mudanças ambientais e urbanização desordenada. A leishmaniose, embora grave, perma-

nece negligenciada nas políticas de saúde pública, situação exacerbada pela pandemia de COVID-19.

O artigo de Fabio Pallotta, “Bauru e a sua úlcera: A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – NOB – e as condições sanitárias da cidade sob o olhar da imprensa (1916-1930)” aborda a relação entre a construção da linha férrea NOB e as condições sanitárias de Bauru, São Paulo, veiculadas na imprensa, entre 1916 e 1930. O autor relaciona a destruição das matas nativas e as precárias condições de higiene com a proliferação da Leishmaniose, conhecida como a “úlcera de Bauru”, no contexto da história das leishmanioses, no Brasil.

De seguida, o artigo de Denis Jogas Junior, “Gaspar Vianna e a globalização da terapêutica das leishmanioses pelo tártaro emético (1912-1920)”, explora a proposta do médico Gaspar Vianna para utilização do tártaro emético no tratamento específico das leishmanioses, que terá constituído um marco significativo no tratamento da doença, ao refletir sobre as ressignificações do uso de metaloides na medicina tropical do início do século XX.

O artigo de Ewerton Luiz, “A participação portuguesa nos Sétimos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e Malária em 1963: a defesa no Brasil da política ultramarina portuguesa em tempos de descolonização”, reflete sobre a participação de médicos portugueses e brasileiros nos congressos de 1963. Concluiu que estes congressos foram utilizados para promover a “missão civilizadora” de Portugal em África e na Ásia, em resposta às críticas ao colonialismo português nos anos 1960s.

Paula Basso reflete sobre “o enigma dos doentes-mistério do Hospital de Egas Moniz e a descoberta do LAV-2 (HIV-2)”, apresentando um cruzamento de fontes através das quais se identifica um novo vírus responsável pela SIDA, em doentes provenientes da Guiné-Bissau. A autora procura discutir o lugar de Odette Ferreira como protagonista da descoberta deste vírus, contrariando algumas narrativas historiográficas mais recentes.

O artigo de Manuela Hass, “A higiene, a hidroterapia médica e as doenças tropicais”, pretende discutir a abordagem hidroterápica, consolidada pela Hidrologia Médica em Portugal, nos séculos XIX e XX. Utiliza como metodologia a reflexão sobre os registos clínicos de unidades termais, em Portugal, para explorar a aplicação da hidroterapia no tratamento de doenças tropicais.

Alexandra Esteves, em “Relações históricas complexas

entre animais e seres humanos: relatos da epidemia da ‘febre dos papagaios’ na imprensa portuguesa”, aborda a zoonose conhecida como “febre dos papagaios”, como forma de refletir sobre a relação entre os animais domesticados e os humanos, na propagação de epidemias ao longo da história. Particulariza o caso da “febre dos papagaios”, que terá despertado, tanto na Europa como nos Estados Unidos, uma preocupação acrescida desde finais do século XIX, pela importação de aves ou pela sua exposição pública, e analisa o seu impacto em Portugal, através da imprensa.

Segue-se o artigo de Danielle Santos e Joseanne Soares Marinho, “Ondas de medo: o rio Parnaíba e os surtos de doenças relacionadas à água em Teresina-PI (1889-1930)”, que analisa as condições de saúde e doença nas populações ribeirinhas de Teresina, PI, entre 1889 e 1930. Utiliza, preferencialmente, fontes primárias para discutir a insuficiência dos serviços de saúde e os surtos de doenças gastrointestinais e transmitidas por mosquitos, no Brasil.

Tânia Ferreira, “*Vamos, senhores: em nome da civilização, calcem-se!* A campanha contra o Pé Descalço na primeira metade do século XX”, estuda a campanha da Liga Portuguesa de Profilaxia Social contra o hábito do pé descalço. O estudo analisa a abordagem da Liga e das autoridades municipais, destacando os fatores sociais e políticos que influenciaram esta campanha, de características higienistas, e sua aceitação pública. Segue-se o artigo de Rakell Silva e Joseanne Soares Marinho, “A saúde no Piauí a partir dos postos de higiene (1930-1945)”, que analisa as práticas higiênicas nos postos de higiene do Piauí durante os governos federais. O estudo aborda a prevenção e o tratamento de doenças como malária, sífilis, verminoses e tuberculose, destacando as melhorias e limitações dos serviços de saúde pública no Estado, para discutir a importância das políticas de saúde pública na abordagem às doenças infecciosas.

Por fim, o artigo “A propósito das línguas nacionais de Angola” de Manuel Boal aborda a situação das línguas africanas nas antigas colónias europeias, focando-se em Angola. O autor discute o estatuto do português como língua oficial e os esforços para proteger e valorizar as línguas nacionais, explorando o impacto dessas políticas na educação e na identidade cultural angolana.

Em suma, a pandemia de COVID-19 sublinhou a necessidade urgente de uma abordagem *One Health* para a saúde pública global. Ao integrar as perspetivas históricas e contemporâneas sobre como as doenças se disseminam e impactam no todo social, podemos definir

políticas de saúde pública e práticas mais eficazes para a prevenção de futuras pandemias. *One Health* no contexto pós-COVID-19 implica uma mudança paradigmática na abordagem da saúde global. As políticas de saúde pública devem ser redesenhadas para incluir estratégias que reconheçam a interdependência entre humanos, animais e o meio ambiente, como vimos ao percorrer as páginas escritas pelos vários autores desta edição dos Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

Desde uma análise historiográfica do impacto da pandemia de COVID-19 nos processos do Antropoceno até uma reflexão sobre a representação da saúde em projetos de educação sanitária, os artigos aqui reunidos exploram uma variedade de temas cruciais para a reflexão do futuro da saúde global. Questões como as relações entre humanos e animais, o papel da política na saúde global, a importância da educação para

a saúde e a necessidade de abordagens integradas para resolver desafios de saúde complexos são objeto de estudo de diversos autores. Os trabalhos apresentados destacam a importância da colaboração internacional, do investimento em cuidados primários de saúde e do reconhecimento das desigualdades sociais como fatores fundamentais na promoção da agenda de *One Health*, num mundo em mudança cada vez mais acelerada. Pretende-se que esta abordagem holística possa proporcionar novas vias de investigação sobre as políticas de saúde pública à escala global, e, ao mesmo tempo, contribuir para uma compreensão mais profunda da história da medicina tropical e do seu papel na promoção da saúde global/planetária, enfatizando a necessidade de abordagens multi e interdisciplinares para enfrentar os desafios futuros da saúde e da medicina no século XXI.

## Bibliografia

- Pitt SJ, Gunn A. The One Health Concept. *Br J Biomed Sci.* 2024 Feb 15; 81:12366. doi: 10.3389/bjbs.2024.12366. PMID: 38434675; PMCID: PMC10902059.
- Evans BR, Leighton FA. A history of One Health. *Rev SciTech.* 2014; 33(2):413-420.
- Vögele J, Rittershaus L, Schuler K. Epidemics and Pandemics – the Historical Perspective. Introduction. *Historical Social Research / Historische Sozialforschung.* 2021;(33):7-33.
- Sironi VA, Inglese S, Lavazza A. The “One Health” approach in the face of Covid-19: how radical should it be? *Philos Ethics Humanit Med.* 2022;17(3):https://doi.org/10.1186/s13010-022-00116-2.
- Cook RA, Karesh WB, Osofsky SA. *One World, One Health: Building interdisciplinary bridges to health in a globalized world.* New York, NY: Wildlife Conservation Society; 2004.
- Deem SL, Lane-deGraaf KE, Rayhel EA. *Introduction to one health: an interdisciplinary approach to planetary health.* New Jersey: Wiley-Blackwell, 2018.
- Ternova L, Verger L, and Nagy GJ (2024). Reviewing planetary health in light of research directions in One Health. *Research Directions: One Health.* 2, e7, 1–16. https://doi.org/10.1017/one.2024.3
- McNeill W. *Plagues and Peoples.* NY: Anchor Press, 1976.
- Rosenberg CE. What is an epidemic? AIDS in historical perspective. *Daedalus.* 1989;118(2):1-17.
- Spinney L. *Pale Rider: The Spanish Flu of 1918 and How It Changed the World.* London: Jonathan Cape; 2017
- Snowden F. *Epidemics and Society: From the Black Death to the Present.* New Haven: Yale University Press; 2019.
- Shah S. *Pandemic: Tracking Contagions, from Cholera to Ebola and Beyond.* New York: Sarah Crichton Books; 2016.
- Piret J, Boivin G. Pandemics Throughout History. *Front Microbiol.* 2021;11:631736. doi: 10.3389/fmicb.2020.631736.
- Rock M, Buntain BJ, Hatfield JM, Hallgrímsson B. Animal-human connections, “one health,” and the syndemic approach to prevention. *Soc Sci Med.* 2009;68:991-995. doi: 10.1016/j.socscimed.2008.12.047.
- Lancet One Health Commission. *Reconnecting for our future.* The Lancet. 2020 May 9;395.
- Crosby AWW. *Ecological Imperialism: The Biological Expansion of Europe, 900-1900.* 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press; 2004.